



## GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenadora,  
Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenadora

Este GT dá continuidade a um debate iniciado em 2015, que respondia a três distintas ordens de problemas: a dimensão política da dor, as técnicas de governo e a escrita etnográfica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes são esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articulações entre técnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu viés analítico é o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como 'dor', 'sofrimento', 'sofrer'; os desafios metodológicos são como fazer etnografia de/em situações de sofrimento; e suas composições políticas - até onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaixão desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condição comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribuições que, independentemente de vínculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a forma política produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espaço à forma produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e populações governáveis. E, de outro lado, não se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de análise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

### Os testemunhos nos processos de refúgio: entre o sofrimento íntimo e o reconhecimento público da violência

**Autoria:** Jullyane Carvalho Ribeiro

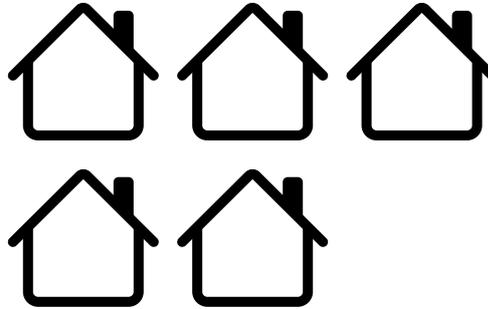
Proponho, com base em etnografia com mulheres refugiadas e solicitantes de refúgio na cidade de São Paulo, fruto de meu work de doutorado em andamento, uma reflexão sobre as narrativas de violência solicitadas e apresentadas em distintos espaços de reconhecimento das subjetividades refugiadas. No âmbito da governamentalidade estatal, as práticas de enquadramento dos sujeitos na categoria do refúgio exige histórias de violência e perseguição a serem legitimadas segundo critérios de credibilidade e coerência interna. O procedimento adotado nos processos de entrevistas perante um funcionário do Estado, além do registro escrito das violações de direitos humanos que teriam sido causa dos deslocamentos exige dos e das solicitantes de refúgio a articulação de narrativas de sofrimento coerentes com a legislação para que as dores sejam publicamente reconhecidas. Observo que a exposição de violações que pertencem à ordem do indizível (Veena Das, 2007) no cotidiano gera expectativas segundo as localizações sociais (Mahler e Pessar, 2001) ocupadas pelos sujeitos, informadas geopoliticamente. Os ideários de gênero atribuídos a nacionalidades específicas incidem em grande medida sobre essas expectativas, produzindo nações de estupro e corpos violados e violadores, através da exigência da exposição da violência sexual. São disputas pelo enquadramento da dor como causa política, pela retirada do sofrimento do âmbito do privado e do íntimo, informado pelas gramáticas de gênero. Inspirada nas formulações de Veena Das, assim como nas análises de Fiona Ross, proponho também uma reflexão sobre as implicações da pesquisa etnográfica que lida com os indizíveis do sofrimento, presentes nos silêncios e na exigência copiosa de falar sobre a dor. Minha preocupação perpassa principalmente os riscos do registro desses sofrimentos, passíveis de serem novamente reificados enquanto casos exemplares nas malhas do humanitarismo.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

